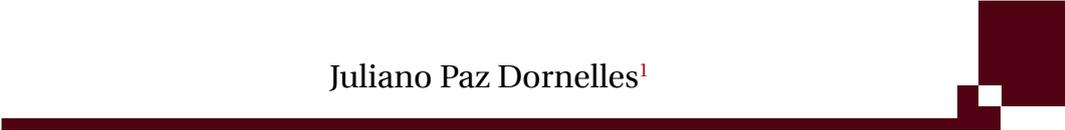


RESENHA DA OBRA “AS 10 QUESTÕES ESSENCIAIS DA ERA DIGITAL” DE DOUGLAS RUSHKOFF

Juliano Paz Dornelles¹



RUSHKOFF, Douglas. **As 10 questões essenciais da era digital**: Programe seu futuro para não ser programado por ele. São Paulo: Saraiva, 2012

Tornamo-nos dependentes da tecnologia. Percebemos isso quando acessamos e compartilhamos conteúdo nas mídias sociais, utilizamos e programamos softwares que facilitam o dia a dia, além da interação mediada, da construção coletiva e colaborativa de conhecimento. O mundo virtual e real, assim como homem e máquina, vivem uma comunhão sem precedentes que nos direcionam a um futuro em que teremos relações mais complexas e cada vez mais virtualizadas dentro de um contexto de dependência mediada tecnologicamente.

Em um contexto de transformações tecnológicas, percebemos a emergência de algumas questões essenciais à discussão que vêm ganhando força no panorama atual. Algumas dessas questões encontram-se trabalhadas na obra *As 10 questões essenciais da era digital*, de Douglas Rushkoff. Questões que envolvem as relações humanas mediadas pela tecnologia

e as relações entre os homens e o próprio mundo tecnológico.

Ao início da introdução de seu livro, Rushkoff (2012, p. 7) exemplifica um processo evolutivo de aprendizagem. “Quando nós, os humanos, adquirimos linguagem, aprendemos não somente a ouvir, mas a falar. Quando ganhamos a escrita, nós aprendemos não apenas a ler, mas a escrever”. Na sequência dos exemplos, o autor coloca a importância de aprendermos a construir programas de computador personalizados às nossas necessidades.

No livro, o autor coloca a seguinte máxima: “Programe ou será programado”. Rushkoff defende a necessidade de todos conhecermos, ao menos, o mínimo necessário de programação. O autor cita o fato de que hoje em dia a grande maioria das escolas prioriza o ensino de uso de softwares, em vez de ensinar a construção dos programas.

“Quando se ensina um software como matéria a um garoto ou garota, eles

¹ Jornalista Graduado em Comunicação Social na PUCRS (2006) Graduado em Inglês pela Wizard University (2010) Pós graduado em comunicação com o Mercado - ESPM (2008). Especialização em Business English - Studio Cambridge School (2010). Extensão em Comunicação Digital - ESPM (2009). Mestre em Comunicação Social PUCRS (2014). Extensão em Coaching Executivo - ESPM (2015). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4263553Z0>

tenderão a pensar sobre isso como qual-quer outra coisa que eles têm de aprender” (p. 139). Nesse contexto, a noção de programação surge como um conhecimento libertador que permite ao jovem pensar todo o processo de construção do programa, partindo de uma lógica de arquitetura voltada a solucionar problemas.

Apesar de um aparente fascínio pela programação na defesa da ideia inicial e final do livro, *As 10 questões essenciais da era digital* aborda outros temas que se posicionam em torno da tecnologia. Ainda na introdução, o autor coloca que “computadores e redes são mais do que meras ferramentas: eles próprios são seres vivos” (p. 8), remetendo à ideia da construção da inteligência coletiva como uma espécie de consciência pós-humana. “Estamos criando um projeto juntos – um projeto para o nosso futuro coletivo” (p.8).

Uma das questões abordadas na obra trata dos infinitos usos que os jovens deram às redes sociais para “redefinir a si próprios” (p. 9). As novas oportunidades de comunicação e jornalismo alternativo surgem na medida em que as tecnologias se desenvolvem. Mobilidade e ubiquidade são avanços que gradualmente se tornam parte de nosso cotidiano.

Rushkoff sugere a figura do pós-humano, que começa a ser configurada a partir das possibilidades propostas pelo desenvolvimento tecnológico. “As pessoas estão sendo reduzidas a sistemas nervosos configuráveis externamente, enquanto computadores estão livres para constituírem redes e pensarem de modos mais avançados” (p. 12).

Outro ponto discutido na obra, que merece igual destaque, é a escrita.

“Computadores e redes finalmente nos oferecem a capacidade de escrever. E, de fato, nós os usamos para escrever nos nossos websites, blogs e redes sociais” (p. 14). Retomando a questão da programação vinculada à produção de textos e outros formatos de mídia na internet, o autor destaca que: “O povo ouve enquanto os rabinos leem; o povo lê enquanto aqueles com acesso à imprensa escrevem; hoje nós escrevemos enquanto a nossa tecnolite programa” (p. 15).

Conforme Rushkoff (2012, p. 16-17), “estamos replicando a própria função de cognição por meio de mecanismos externos, extra-humanos” em que “os computadores fazem mais do que usurpar o valor do pensamento humano” (p. 18). Isto pode ser observado a partir das tarefas, que antes requeriam raciocínio e concentração, agora são delegadas às máquinas. Em vez de aprendermos a tabuada na escola primária, ou as fórmulas integrais e derivadas nas faculdades de engenharia, aprendemos a como usar a calculadora.

Depois, o autor coloca outro dos grandes males da era virtual: a dependência mediada. A cada ano, a média de tempo conectado à rede cresce sem limites e precedentes. Se antes a comunicação mediada se resumia à escrita e leitura de e-mails, hoje passamos o dia inteiro com dispositivos como Facebook, Skype e Twitter plugados em tempo real.

Para o autor: “Nossos cérebros se adaptaram a diferentes situações. Tecnologias sempre nos modificaram” (p. 35). Estamos sendo reconfigurados em comportamento e identidade. Até mesmo a nossa capacidade de armazenar informações vem sendo absorvida e delegada

aos CDs, DVDs, Pen drives e HDs virtuais. “A terceirização de nossa memória para as máquinas expande a quantidade de dados a que temos acesso, mas degrada a habilidade de nosso cérebro lembrar” (p. 35).

Hoje podemos trabalhar em um lugar estando presente em outro. “A era digital nos oferece a oportunidade para reconhecer a tendência de deslocamento da nossa mídia interativa” (p. 49). De algum modo, as mídias não são meramente produtos físicos, mas sim representações simbólicas. Seja ela um dispositivo compacto, como um cartão de memória, seja um grande servidor.

“Com cada avanço em tecnologia, nossa experiência do mundo é ainda mais reduzida em complexidade” (p. 68). Quanto mais desenvolvido o dispositivo, menos conhecimento é necessário para saber manuseá-lo.

Neste contexto geral, recriam-se também as identidades individuais e institucionais. Em relação às organizações, Rushkoff (2012, p. 103) afirma que “cada empresa de qualquer tamanho está procurando por uma ‘estratégia social’ por meio da qual estenda sua marca”. Da mesma forma que as pessoas comuns, as grandes corporações vêm se apropriando das plataformas interativas para comercializar produtos, serviços e ideologias, além de legitimar suas respectivas subjetividades.

Para Rushkoff, “o conteúdo não é a mensagem, o contato é” (p. 107). É o que ele chama de transmissão de neurônios a fim de acordar a si próprio. De algum modo, todo tipo de relacionamento está inserido em um contexto de mediação tecnológica. Desde o primeiro encontro

dos namorados e a reunião de amigos para debater o jogo de futebol, as relações entre públicos e organizações por meio de ações de marketing.

A grande questão que resume todas as outras na obra de Rushkoff é o fato de que, diante de todas estas transformações que nos tornam cada vez mais dependentes da tecnologia, precisamos ir ao encontro das soluções comportamentais que nos tragam novamente uma certa independência e autonomia frente ao desenvolvimento tecnológico. Devemos nos tornar programadores ativos de nosso futuro.